



AS PRÁTICAS AGRÍCOLAS DOS DESCENDENTES DE IMIGRANTES AÇORIANOS E ITALIANOS NA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI/RS: ASPECTOS RELACIONADOS AO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO REGIONAL

**Janaine Trombini
Luís Fernando da Silva Laroque
Cibele Caroline da Rosa**

Resumo

Os imigrantes açorianos e italianos chegaram ao extremo sul Brasileiro, respectivamente em fins do século XVIII e segunda metade do XIX para povoamento e com a proposta de trabalhar na agricultura. Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul os açorianos foram destinados à porção territorial próxima à foz do rio Taquari e os italianos na encosta superior do planalto, entre os vales dos rios Caí e Antas. Com a reconfiguração geopolítica no decorrer do processo histórico, parte deste território e dos imigrantes que nele chegaram passou a constituir o que atualmente denomina-se de Vale do Taquari, região composta por 36 municípios e dividida em microrregiões, situada na porção centro-leste do Rio Grande do Sul. O estudo delimitando para análise a Microrregião Sul e Oeste tem como objetivo analisar as práticas agrícolas de produtores rurais descendentes de imigrantes açorianos e italianos e suas contribuições para o desenvolvimento socioeconômico regional do Vale do Taquari. O método caracteriza-se por uma abordagem qualitativa com análise de conteúdo no que se refere a dados coletados na revisão bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas. O trabalho insere-se em projetos de pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES. As informações levantadas têm demonstrado que os imigrantes açorianos e italianos chegados ao Rio Grande do Sul ocuparam porções onde localiza-se a Microrregião Sul e Oeste do Vale do Taquari e por meio das práticas familiares dos seus descendentes, principalmente envolvendo atividades voltadas para agricultura, contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico regional.

Palavras-chave: Práticas Agrícolas. Descendentes de Açorianos. Descendentes de Italianos. Vale do Taquari

1 Introdução

O Vale do Taquari é uma denominação geopolítica, criada a partir dos Conselhos de Regionais de Desenvolvimento – COREDES¹ - e encontra-se localizada na porção centro leste do território do Rio Grande do Sul, composto por trinta e seis municípios membros. A região apresenta uma diversidade de características tanto

¹ Segundo Aguiar (2009), a região hoje conhecida como Vale do Taquari é uma conotação recente, atribuída pós Constituição de 1988, onde foram criados os Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES – que se tornaram a divisão regional oficial do Estado. Antes deste, o território do Vale era determinado em duas regiões, sendo elas região Colonial Alto Taquari (Anta Gorda, Arvorezinha, Casca, David Canabarro, Fontoura Xavier, Guaporé, Ilópolis, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí, Putinga e Serrafina Corrêa) e região Colonial do baixo Taquari (Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul, Encantado, Estrela, Lajeado, Muçum, Nova Bréscia e Roca Sales). A nova denominação da região, municípios foram arrançados em novas configurações.



econômica quanto sociocultural. Relativo à primeira, o Vale é composto desde pequenas propriedades rurais, situados nos municípios menos densos populacionalmente, como centros urbanos com ênfase na produção industrial, principalmente na indústria de alimentos e no setor calçadista. Seguidamente, a região é composta por diversos grupos étnicos, como indígenas, descendentes de africanos e europeus, dentre deste último grupo, açorianos, alemães e italianos. Nos dias atuais, a região ainda possui grupos de imigrantes haitianos e senegaleses, além de outros grupos em menor escala.

Quanto à presença açoriana na região, a mesma se deu após alguns anos vagando pelo território da Capitania Rio Grande de São Pedro, instalando-se no município atualmente conhecido como Taquari. As produções desses primeiros imigrantes estavam relacionadas com a triticultura e com seus descendentes, produções ligadas à agricultura familiar (CARVALHO, 2002). Já os imigrantes italianos chegaram a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no final do século XIX à procura de terras e uma vida melhor, localizados na região noroeste nas antigas Colônias, como Santa Isabel, Caxias e Conde D'Eu e seguidamente em territórios da porção norte do que denominamos Vale do Taquari. As primeiras produções agrícolas destes imigrantes são ligadas ao consumo familiar com o trigo, milho e feijão (HERÉDIA, 2001).

Este trabalho insere-se em projetos de pesquisas vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimentos do Centro Universitário Univates, município de Lajeado, Rio Grande do Sul. O estudo delimitando para análise a Microrregião Sul e Oeste tem como objetivo analisar as práticas agrícolas de produtores rurais descendentes de imigrantes açorianos e italianos e suas contribuições para o desenvolvimento socioeconômico regional do Vale do Taquari. Os dados apresentados referem-se a revisões de literatura, pesquisa de campo onde utilizou-se de diários de campo e entrevistas² com produtores rurais descendentes açorianos e italianos, respectivamente identificados por D1, D2 e D3, bem como por E1, E2, E3, E4, E5 e E6. Os dados pesquisados foram analisados com aportes de teóricos de autores como Barth (2000), Moura (2005), Brandão (2007), Vital (2007), Queiroz (2011) e Cheung (2013).

² Utiliza-se para a pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



A pesquisa é de cunho qualitativo, na medida em que a revisão bibliográfica aponta alguns indícios a respeito das formas de cultivo dos primeiros imigrantes e ainda as entrevistas realizadas com alguns dos descendentes, neste caso produtores rurais, que ainda se encontram pela região. Os procedimentos metodológicos consistiram em pesquisa de campo com proprietários de descendência açoriana e italiana nas Microrregiões Sul³ e Oeste⁴ do Vale do Taquari, cujo principal aspecto da economia é a agropecuária. As visitas foram previamente agendadas com os produtores rurais, nas quais elaborou-se diários de campo e realizou-se entrevistas tomando como base um roteiro de questões semiestruturadas (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Tanto a aplicação como a degravação das entrevistas seguiu a metodologia da História Oral, além de diários de campo⁵ para o registro das conversas e impressões sobre estes proprietários. Conforme Thompson (1992), a História Oral pode dar grande contribuição para a revitalização da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas, como é o caso proposto neste estudo.

Cabe ainda destacar que, no Brasil, até os anos 1990, os termos pequeno produtor ou ainda produtor de subsistência eram utilizados para caracterizar os agricultores familiares. Contudo, depois de lutas de movimentos ligados ao grupo, tais termos foram substituídos pelo uso da agricultura familiar (CHEUNG, 2013), já que hodiernamente a mesma ainda passa por um processo de mutação, no tocante a pluriatividade destes produtores, pois estes, para sobreviver, produzem mais de uma especialidade em suas propriedades (IICA, 2002).

Outro conceito importante é o de território, afinal as regiões estudadas possuem características semelhantes, pois a “vitalidade das comunidades rurais está

³ Compreende os municípios de Estrela, Fazenda Vila Nova, Bom Retiro do Sul, Taquari e Tabai e para esta pesquisa selecionou-se três produtores rurais dos municípios de Taquari e Tabai, identificados como E1, E2 e E3.

⁴ Compreende os municípios de Progresso, Pouso Novo, Travesseiro e Marques de Souza e para esta pesquisa selecionou-se três produtores dos municípios de Progresso e Travesseiro, identificados como E4, E5 e E6.

⁵ Conforme Godoy (1995, p. 58), “as expressões ‘pesquisa de campo’ e ‘pesquisa naturalística’ podem ser vistas como sinônimos de ‘pesquisa qualitativa’”. Torna-se, assim, uma ênfase maior cotidiana para compreender com estes descendentes de açorianos e italianos vivem hoje através de seus relatos, levando em conta também que estas pesquisas de campo serão acompanhadas de aportes documentais e bibliográficos. Os diários de campo foram realizados antes das entrevistas com os produtores rurais descendentes de açorianos e italianos.



enraizada na sua identidade” (IICA, 2002, p. 13). Além disso, o desenvolvimento regional deve ser entendido numa visão mais ampla, que inclui o desenvolvimento deste espaço rural, onde residem os produtores entrevistados. Os indivíduos se encontram num sentimento de pertencimento a este espaço, o que os define enquanto grupo (CHEUNG, 2013).

2 As imigrações açoriana e italiana no Rio Grande do Sul e no Vale do Taquari

A migração açoriana no Rio Grande do Sul procede com as primeiras levadas de casais de açorianos desembarcaram em Laguna em 1750, quando assinado o Tratado de Madri, em que a Colônia de Sacramento ficaria de posse espanhola enquanto que em troca, Portugal receberia as Missões. Contudo, o tratado não pode se consolidar devido o não aceite dos indígenas aldeados nas Missões em sair da região, o que ocasionou a Guerra Guaranítica (1754-1756). Os casais que haviam desembarcado em Rio Grande se estabeleceram pelo território e após conflitos com espanhóis, passaram a povoar outras regiões, dentre elas o atual Vale do Taquari.

A imigração interna dos casais do arquipélago para áreas do Brasil Meridional veio a calhar um problema de estrutura que a coroa portuguesa percebia na região. De acordo com a administração lusa, apesar das doações de sesmarias terem iniciado ainda em 1750⁶, ainda havia um hiato territorial⁷ a ser preenchido e que os casais das ilhas poderiam então cumprir este papel. Além disso, o período entre 1750 e 1770 foi marcado por conflitos entre as coroas ibéricas no atual estado do Rio Grande do Sul, o que configurou, inclusive, em entradas de tropas espanholas no território, sendo que a mesma seria uma importante defesa do município de Rio Pardo, funcionando como uma zona de importância militar (CHRISTILLINO, 2004).

É dentro deste contexto de movimentação pelo território que na década de 1760 os primeiros casais vindos das ilhas se instalam na atual região de Taquari, sendo que o povoado com mesmo nome é fundado e cerca de oito décadas após

⁶ De acordo com Christillino (2004), as primeiras sesmarias foram doadas no início da década de 1750, ao Cap. Francisco Xavier de Azambuja, Pedro Lopes Soares e Antonio Britto Leme.

⁷ Este hiato territorial era apenas considerado pela coroa portuguesa, já que a historiografia tem mostrado a presença de diversos grupos na região, entre eles grupos de indígenas (KREUTZ, 2017).



recebe o título de (LAROQUE et.al., 2016). Foram catorze os casais de açorianos que chegaram à região, sendo que sete deles se estabeleceram em Taquari e os outros na vila de Santo Amaro, recebendo datas de 272 hectares (CARVALHO, 2002).

De acordo com Christillino (2004), o povoado instalado em Taquari localizava-se a cerca de 18 quilômetros do rio Taquari, o que facilitava o cultivo de alguns grãos, dentre eles o trigo, alimento já consumido nas Ilhas do arquipélago e que foi a primeira lavoura especializada instalada na região (CORREA E BUBLITZ, 2006). Muitos dos casais que desembarcaram em Taquari iniciaram o plantio do trigo de imediato, já que a doação de terras por parte do governador da Capitania não se deu logo da chegada dos casais (CARVALHO, 2002).

Foi a partir da produção de trigo que muitos dos casais puderam crescer economicamente e adquirir terras e escravos (CARVALHO, 2002). Além disso, o trigo colaborou no crescimento da região, fazendo com que a tricultura fosse a principal atividade econômica até metade do século XIX, quando uma praga conhecida como ferrugem atacou as lavouras (CHRISTILLINO, 2004). Além disso, muitas das sesmarias foram abandonadas no período, devido à crise instaurada no trigo e ainda pelas baixas na pecuária, em virtude da Guerra Civil Farroupilha entre 1835-1845.

A partir da década de 1850, com a baixa na produção de trigo, o principal produto da região passou a ser o taboado, produzido a partir do pinho e ainda a extração da erva mate e pedras. Os casais de açorianos passaram a produzir, em suas pequenas propriedades, produtos tais como milho, mandioca, arroz e batata (CARVALHO, 2002).

Os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de meados da década de setenta do século XIX até início do século XX com a proposta de trabalhar na agricultura e a promessa de um bom emprego. Desde o início do processo migratório interno os italianos mantiveram seu contato com a terra, produzindo seus cultivos oriundos do reino da Itália tendo seu empreendimento colonizador, marcado pelo regime de trabalho familiar e livre, pela policultura e pela pequena propriedade.

Conforme, Giron e Herédia (2007), os italianos chegaram após 1870 em áreas da porção nordeste do território do Rio Grande do Sul, local de densa mata, recebendo auxílio governamental, como alimentação, sementes e instrumentos agrícolas para após ser pago junto com as terras adquiridas. O imigrante italiano veio em busca de



terras para cultivo, mas ao chegar ao Brasil se depara com outra situação. Neste sentido destaca-se:

Este sonho ficou desfeito com as regiões montanhosas confiadas aos imigrantes da península itálica. As grandes plantações sonhadas, tiveram que reduzir-se a pequenos cultivos, nas encostas das montanhas. Com muito esforço e com o correr do tempo o agricultor, desprovido, conseguiu dominar, parcialmente, a inclemência do solo. As dificuldades no cultivo da terra fizeram com que o italiano perseguisse, preferencialmente, as culturas perenes, organizando, por exemplo, parreirais, características de sua cultura (COSTA, 1986, p. 23).

Estabelecidos em suas colônias, tais como Santa Isabel, Caxias e Conde d'Eu, os imigrantes italianos e seus descendentes com muitas das dificuldades que enfrentaram, passaram a ver a terra como seu principal meio de subsistência e sobrevivência. Sendo assim, retiram dela desde o alimento, roupas e remédios caseiros para as diferentes enfermidades (BATTISTEL; COSTA, 1982). Os primeiros plantios dos imigrantes italianos foram produtos tais como o milho, o trigo e as videiras. Estes produtos têm relação com os alimentos prediletos deste grupo étnico e derivados do milho e trigo como o pão, as massas e a polenta (TROMBINI, 2016).

Tratando-se do Vale do Taquari, esta região possui um processo de formação étnico- bastante diversificado do ponto de vista étnico. A região que tradicionalmente tratava-se de território indígena Guarani e Kaingang, passou a ser colonizada por portugueses que trouxeram os negros, seguiram-se os imigrantes açorianos em fins do século XVIII, os imigrantes alemães a partir de meados do século XIX e nas últimas décadas do século XIX, tem-se a presença dos imigrantes italianos.

Esta pluralidade cultural e étnica do Vale do Taquari pode ser pensada a partir dos pressupostos de Barth (2000), ao salientar que a etnicidade se define nas relações de fronteira, ou seja, quando há o contato entre grupos distintos, as fronteiras, por meio das diferenças pertinentes a cada um, tendem a emergir. Salienta-se ainda que dentro de um grupo étnico o conteúdo e os traços culturais podem se modificar, todavia os indicativos de pertencimento continuam os mesmos, podendo ser percebidos através dos sinais diacríticos das fronteiras, situação possível de identificar nos açorianos e italianos em relação aos demais grupos étnicos do Vale do Taquari.

A região colonial que foi destinada aos imigrantes açorianos está localizada na porção sul do território do Vale do Taquari (LAROQUE et.al., 2016), caracterizado por



uma área de planícies, oferecendo áreas com um relevo mais homogêneo (KREUTZ, 2017). Os italianos, situados na encosta superior do planalto, ou seja, mais precisamente entre os vales do rio Caí, do rio das Antas e das colônias alemãs localizadas na área chamada, na época, de Baixo Taquari, planícies próximas a este rio (FERRI, 1996). As terras dos imigrantes açorianos possuem características de planície por serem localizadas próximas ao rio Taquari e dos italianos na região alta ao norte as quais caracterizam-se de planalto e montanha (FIGURA 1).

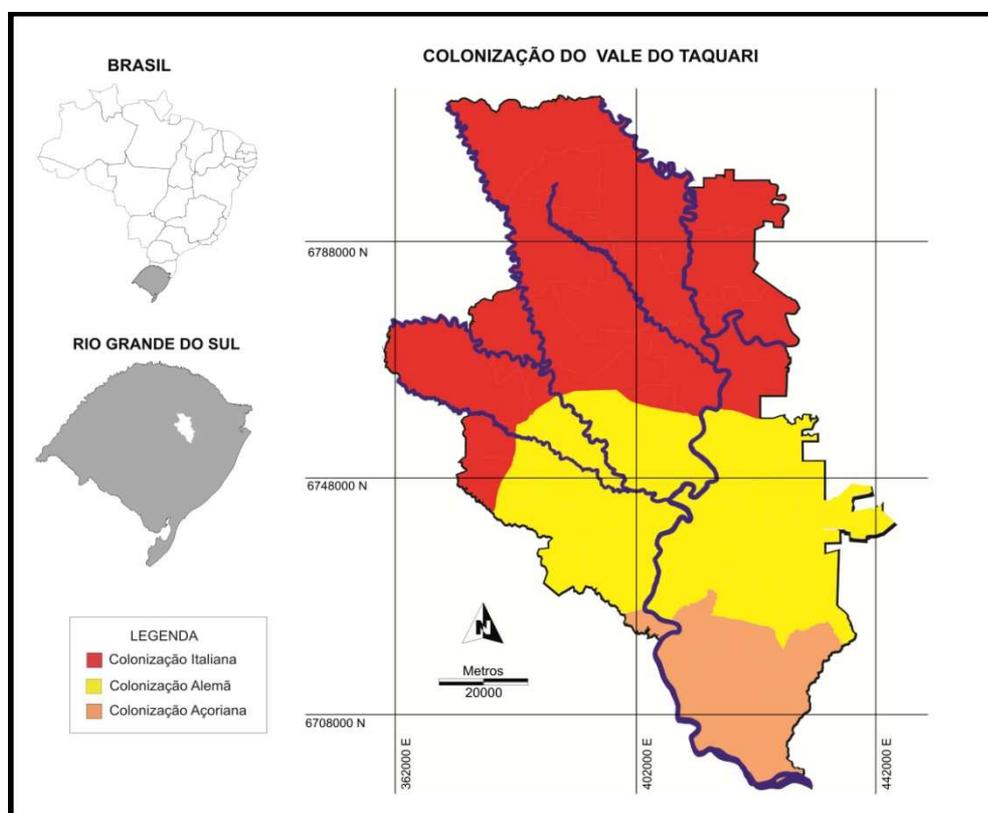


Figura 1 - Mapa da colonização do Vale do Taquari

Fonte: Dos autores.

O território atual do Vale do Taquari trata-se de uma região situada na porção centro leste do Rio Grande do Sul, formada por 36 municípios, totalizando uma área de 4.821,1 Km², e encontra-se dividido em seis microrregiões: norte, sul, leste, oeste, centro e centro oeste. Em 2013, a Fundação de Economia e Estatística (FEE), estimou para a Região uma população de 334,438 habitantes (3,08% da população gaúcha),



sendo a grande maioria descendente de açoriano, alemães e italianos (FEE, 2015, texto digital).

As seis microrregiões do Vale do Taquari apresentam especificidades econômica e sociocultural, existindo desde pequenas propriedades rurais voltadas ao setor primário até áreas urbanizadas e industrializadas. As propriedades rurais do Vale do Taquari possuem em média 17 hectares e desenvolvem atividades da produção leiteira, suínos, agricultura, a criação de aves, a piscicultura, além de reflorestamento, produção de fumo, fruticultura, criação de gado de corte e fruticultura com percentuais menores (CYRNE, 2015).

A Microrregião Sul e Oeste do Vale do Taquari possuem como atividade principal a agricultura, com cultivo de milho, a avicultura, a suinocultura, a sivicultura e a produção de leite. Vale salientar que entrecortando a região temos o principal rio, o Taquari. Na figura 2, apresenta-se as Microrregiões e os seis produtores rurais descendentes de açorianos e italianos pesquisados.

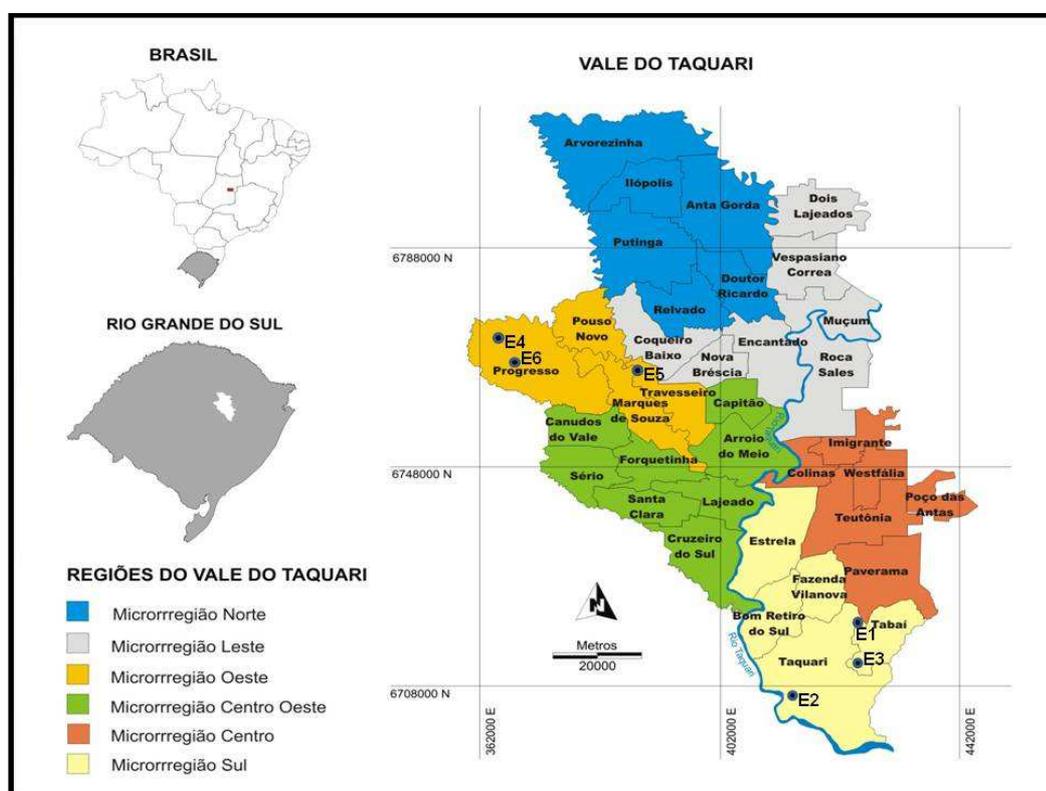


Figura 2 - Microrregiões do Vale do Taquari e produtores rurais pesquisados

Fonte: Dos autores.



Considerando este contexto é que foram levantados os dados para o trabalho envolvendo a pesquisa de campo com descendentes de açorianos e italianos nos municípios da Microrregião Sul e Oeste do Vale do Taquari. Sendo assim, analisa-se as práticas agrícolas destes imigrantes em relação a cultivos como o trigo, arroz, mandioca milho e feijão e que contribui, tanto para subsistência familiar, quanto para o desenvolvimento econômico regional.

3 A Colonização açoriana e italiana na Microrregião Sul e Oeste durante o século XX e suas atividades agrícolas

Após o fracasso da triticultura, ainda na primeira metade do século XIX, muitos dos descendentes dos casais açorianos passaram a uma agricultura de subsistência⁸, na tentativa de sobreviver frente às imposições da vida. Alguns entrevistados, ao relatarem o pertencimento étnico e as redes sociais deste grupo, falam das atividades que seus pais ou avós desenvolviam na agricultura. Sobre o pertencimento étnico destes descendentes⁹, é possível percebê-lo na fala dos mesmos, conforme o produtor rural E1 do município de Tabai:

Começou com nosso trisavô na verdade que foi ele veio de Portugal por volta de 1700 e alguma coisa perto de mil e oitocentos e ali começou [...] veio para a região que se situou aqui o que é onde mora meu irmão ali embaixo [...] (E1, 28/01/16, p. 1-2).

Muitos dos produtores rurais descendentes de açorianos lembram que seus pais produziam uma agricultura baseada no sustento da família e o excedente da produção é o que viria a ser vendido. É o caso do produtor rural E1, que diz que seus pais plantavam mandioca para o consumo próprio, na medida que a raiz poderia ser utilizada tanto em sua forma original para refeições como também se fazia farinha a partir dela, utilizando a atafona. Com a farinha, era possível fazer o beiju, prato típico da imigração açoriana no Vale do Taquari (DIÁRIO DE CAMPO 1, 18/01/2016).

⁸ Na bibliografia consultada até o momento, pouco se sabe sobre os descendentes de açorianos ao final do século XIX e início do XX, sendo que uma análise das entrevistas e diários de campo realizados pelo projeto pode contribuir nesta análise.

⁹ Neste sentido, considera-se para este trabalho o que Barth (2000) chama de fronteiras étnicas. Para o antropólogo, a manutenção de fronteiras étnicas no sentido da manutenção das fronteiras culturais, através do contato com diferentes grupos étnicos. No caso dos produtores rurais descendentes de açorianos, percebe-se que este grupo manteve muitos traços culturais trazidos pelos antecedentes que pisaram por terras do Vale do Taquari.



Para a produção da farinha de mandioca era utilizado a atafona, uma espécie de moinho utilizado para moer a mandioca. O trabalho era feito diariamente, e também era uma forma de união dos descendentes de casais açorianos que desembarcaram em Taquari na segunda metade do século XIX (LAROQUE et.al., 2016).

A mandioca, que era utilizada para o sustento da família na alimentação dos seus integrantes, colaborava também enquanto alimento de animais, como os porcos, por exemplo. No caso do produtor rural E3 também do município de Tabai, a mandioca desempenhava diferentes funções para a família, tanto como forma de alimento, como produto a ser vendido. O produtor também faz distinção entre mandioca e aimpim:

A mandioca é só pros animal, se a gente comer daí faz mal e o aimpim é pro gasto, pra gente comê. Aí fazia farinha na atafona, tirava o porvilho, enchia um tanque grande de porvilho, cada tanque cheio era sete saco de porvilho, aí secava e vendia, pro gasto dava pra vende. Hoje eu digo que eu compro porvilho em quilo e eu digo que eu me criei, levava a bacia uma saca cheia de porvilho e fazia a rosca (E3, 06/12/16, p. 2).

Neste sentido, é importante ressaltar o papel que a produção de mandioca desempenhava na economia local, movimentando não apenas o mercado e comércio regional, mas também no sustento da própria família. Como é destacado pelo produtor rural E3 de Tabai, a farinha de mandioca era vendida, tanto para os vizinhos, quanto em mercados e armazéns próximos a propriedade (E3, 06/12/16).

As áreas rurais destes produtores descendentes de açorianos caracterizam-se por serem propriedades pequenas, em torno de 30 hectares¹⁰. Segundo o produtor rural E3, a propriedade que é da família há cinco gerações e se localiza às margens do Taquari era de em torno de 200 hectares na época do seu avô. Com as divisões de herança e ainda venda de alguns hectares, hoje a terceira geração da família acaba contando com poucos hectares (DIÁRIO DE CAMPO 2, 19/02/16). A necessidade da terra está intimamente ligada com o labor do produtor rural, sendo que poucos hectares da mesma correspondem a um menor potencial de produtividade.

¹⁰ As pequenas propriedades rurais são áreas de terra compreendidas entre um e quatro módulos fiscais, conforme o tamanho do município. O módulo fiscal é expresso em hectares levando em conta o tipo de exploração predominante no município e a renda obtida no tipo de exploração (INCRA, 2016, texto digital). Neste sentido, a lei nº 11.382, de dezembro de 2006, Art. 647 nº. II normatiza que “[...] a pequena propriedade rural, assim definida em lei, desde que trabalhada pela família”.



Outro produto relevante para a economia local do Vale do Taquari foi a soja, produzida por algum tempo por produtores da Microrregião Sul. Vale aqui destacar as condições geográficas, já que a região é de planícies e fica próxima ao rio Taquari, o que facilita produções do grão. O produtor E3 do município de Tabaí destaca que a produção de soja na família era apenas para o consumo dos animais¹¹ e que o pai deste, já na segunda metade do século XX o fazia, sendo seguindo, a posteri, pelos filhos (E3, 06/12/16, p. 2).

De acordo com Kreutz et.al (2014), a soja adentrou no estado nos primórdios do século XX, sendo que é um grão de origem asiática e adentrou no Brasil com a imigração nipônica. Ainda nos primeiros anos do grão no estado, a produção se concentrou em pequenas propriedades, com um espaço de produção entre 5 e 50 hectares, sendo o principal fim da produção o alimento de animais. Esta produção em pequenas propriedades se estendeu até a década de 1950, quando o grão foi elevado à categoria comercial e passou a ser produzida em grandes propriedades, principalmente com o subsídio do governo.

Outros produtores tinham na soja o sustento da família, já que vendiam a mesma. É o caso do entrevistado E1 de Tabaí, em que diz que a soja era vendida e em troca se comprava mantimentos para a família, tais como tecido para fazer as roupas. A soja era utilizada também para o alimento dos animais, mas a grande utilização dela era para o mercado. Contudo, devido a algumas inovações tecnológicas no mercado da soja, muitos produtores deixaram de plantá-la, pois o investimento no maquinário tornaria-se muito caro.

O produtor rural E1 teve que substituir a soja devido à concorrência de grandes produtores. De acordo com o mesmo, a soja passou a ser substituída pela acácia, o que se deu acerca de trinta anos atrás. Em seguida, a acácia foi sendo substituída pelo eucalipto, árvore que até os dias atuais traça contornos na paisagem do sul do Vale do Taquari.

Queiroz (2011) ao analisar o papel do desenvolvimento nacional, considera importante o papel do estado enquanto provedor de um sustento econômico e também o quão o progresso técnico pode colaborar no desenvolvimento econômico,

¹¹ Vacas, bois e porcos. As vacas, produziam o leite, o boi era utilizado para colaborar no transporte dos produtos, bem como na alimentação, assim como o porco. Deste último, também se utilizava a banha, gordura extraída do animal quando morto.



entendido pela autora como uma estrutura maior, que depende de forças estatais e setores da sociedade. Durante os anos 1970, o governo federal colaborou com o Sistema Nacional de Crédito Rural, dando incentivo para produções de maior porte (MOURA, 2005). Neste sentido, é possível perceber que na Microrregião Sul do Vale do Taquari, o pequeno produtor ficou desassistido por uma política nacional, que promovesse o desenvolvimento econômico dos mesmos, obrigando muitos produtores rurais de pequeno porte a pensarem em alternativas para o sustento familiar.

Tratando-se da imigração italiana, a pequena propriedade rural caracteriza-se em torno de 15 hectares, motivo pelo qual transformaram-se em pequenos agricultores com o auxílio da mão de obra familiar. As terras destinadas aos imigrantes italianos estavam localizadas na encosta da serra, cobertas de mata e destinadas para a economia de subsistência (GIRON; HERÉDIA, 2007).

A grande maioria dos imigrantes italianos era oriunda de regiões montanhosas da Itália e trouxeram consigo técnicas e práticas agrícolas. Na Itália praticavam a agricultura para o consumo alimentar, tais como o cultivo do milho, do trigo e da videira, mas também dedicavam-se a outras culturas menores e a pequena criação de animais. No Rio Grande do Sul a economia agrícola italiana pode-se dividida em duas etapas: a primeira caracterizada pela produção para a subsistência, como o milho e o feijão, e a segunda para comercialização dos excedentes agrícolas devido ao aumento e infraestrutura da produção (FROZI; MIORANZA, 1975).

Inicialmente a colônia do imigrante italiano voltava-se para o suprimento das necessidades caseiras, num sistema de policultura. O colono tinha como interesse plantar os gêneros necessários para sua família e só depois colocar os excedentes para o mercado regional ou mesmo nacional. Os primeiros produtos característicos da imigração italiana são o milho, o trigo e o vinho (DE BONI; COSTA, 1982).

Conforme referido, no segundo momento a atividade agrícola dos colonos italianos, além de consumo de subsistência destinava-se ao mercado regional. Desta forma uma parte de sua produção destinava-se ao mercado interno acessível aos pequenos proprietários. A primeira atividade agrícola dos imigrantes italianos não pode ser considerada capitalista:

Trata-se de uma produção simples de mercadorias, na qual o colono é produto direto e proprietário dos meios de produção; a parte do produto do seu trabalho que se destina ao mercado



serve para garantir as condições de sua existência e reproduzir as condições de produção (PESAVENTO, 1983, p. 22).

A variedade dos produtos era direcionada para garantia da permanência no meio rural e conseqüentemente com os ganhos ampliava os investimentos da sua produção. No decorrer do início do século XX, as pequenas propriedades coloniais dedicaram-se ainda mais para a lavoura e a criação, gerando excedentes para o abastecimento do mercado interno e complementaram a economia nacional (AHLERT; GEDOZ, 2001).

Sendo assim, conforme Brandão (2007, p. 82) “o capitalismo continuamente desenha e redesenha novas geografias, produzindo novas escalas, novos pontos nodais, rearrajando as forças da polarização, da heterogeneidade e da dominação regionais”. Destarte, os imigrantes açorianos e italianos localizados em um sistema capitalista inserem-se em uma produção que gera lucratividade e favorece a economia da época. Conforme visto, os açorianos e continuamente seus descendentes, tentaram desempenhar um papel preponderante na economia regional, fazendo com que desde o século XVIII, com a produção do trigo e mais tarde a produção de eucaliptos pudessem colaborar no desenvolvimento regional.

A agricultura familiar desenvolvida pelos imigrantes italianos teve um papel relevante na determinação e desenvolvimento da economia no Rio Grande do Sul. A área colonizada pelos imigrantes italianos apresentava “uma unidade produtiva a pequena propriedade, que contribuía de forma expressiva para a formação de um crescente mercado regional, dotado de uma parcela maior da população com médio poder aquisitivo” (AHLERT; GEDOZ, 2001, p. 85). Sendo assim, a área colonial e suas atividades propiciaram também a atividade comercial e enfatizou ainda mais o processo de industrialização.

Articulando ao Vale do Taquari, O sistema agrário caracterizava-se por dois tipos de atividades: um nas encostas dos morros e o outro dos morros até as várzeas. Nestes espaços eram cultivados milho, feijão, aipim, abóbora, batata-doce, arroz, trigo, centeio, além de aveia e azevém para o pasto (BEROLDT et. al., 2007).

Na Microrregião Oeste do Vale do Taquari a produção do milho e o trigo faziam-se presentes nas lavouras das famílias dos produtores rurais nas redes sociais também entre seus descendentes. Conforme Cavallin (2000), as lavouras iniciaram-se



após a limpeza do mato, com os cultivos de milho e trigo. O milho de fácil cultivo e rápida colheita fornecia o principal alimento, a polenta. Já o trigo garantia o pão e a massa. Também por meio do depoimento do produtor descendente de italiano E4 do município de Progresso informa que os principais produtos no início do século XX eram:

J – se vocês querem falar um pouquinho de como era, como funcionava na roça antigamente comparando com hoje o que que mudou? Como que era? Como que era o serviço? Que produtos vocês plantavam?

V – é a gente trabalhava tudo braçal né e era bastante difícil, que hoje com as modernidade, as evolução de certo é bem melhor assim, facilitou bastante. Claro que é bastante custos mas só que facilitou bastante né na verdade de hoje e antigamente. Tinha boi, carroça, cavalo e se plantava milho, feijão, fumo, soja, essas coisas..

I – arroz, trigo também... (E4, 10/08/15, p. 2).

As atividades agrícolas como o milho e o trigo, produzidas pelos imigrantes italianos e seus descendentes passaram a ser produzidas em maior escala. Além do milho e trigo, também encontra-se a produção do feijão. A respeito de como era plantado e a valorização que este produto tinha na década de 1940, na narrativa do produtor rural E5 do município de Travesseiro, traz o seguinte:

N – assim talvez parte sim que as vezes quase não produzia mais e depois comprava adubo que eu sou contra isso também porque é um produto químico que vai, então fazia rotação de cultura, se um ano aqui se plantava trigo no ano que vem não vamos planta trigo vamos planta soja, milho e onde nós plantamos vamos planta o trigo e vice e versa. No outro plantava feijão, que se plantava bastante feijão também né, colhia não bastante não era granja mas familiar né, 70, 80 sacos as vezes então se fazia essa rotação de cultura (E5, 05/02/16, p. 17).

O feijão tinha um valor considerável para os descendentes italianos, pois além de produzido para a subsistência familiar, também era vendido para o comércio local da região. No município de Progresso, conforme o depoimento do produtor rural E6 o feijão e suas espécies eram cultivados.

J – e feijão também?

A – feijão era tudo no cacete né?

J – se plantava mais de um tipo ou só um tipo de feijão?

A – plantava mais.

B – dois, preto e moro.

A – e cavalo também, xofre.

B – sim, mas depois que casamos sim.

A – é o meu pai lá plantava.

B – é teu plantava bastante, vocês eram em bastante.



A – nois não plantava fumo naquela época, daí plantava bastante feijão, nois era uma turma grande (E6, 03/11/15, p. 8).

De acordo com Christillino (2004), as plantações de trigo foram características típicas dos locais com a presença de casais das ilhas do arquipélago dos açores. Estes imigrantes trouxeram consigo muitas das sementes até que o governo providenciasse outros meios para a sobrevivência em terras brasileiras (CARVALHO, 2002). O milho foi uma das primeiras culturas que os imigrantes italianos plantaram em solo gaúcho e também era utilizado como matéria prima para a polenta e a criação de suínos. Com o passar do tempo, além do milho, novas culturas foram introduzidas como o centeio, a cevada, o feijão, a batata-doce, a cana de açúcar e a mandioca (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Sendo assim, percebe-se que produtores rurais descendentes de imigrantes açorianos e italianos ocupando territórios da Microrregião Sul e Oeste do Vale do Taquari contribuíram com o projeto de colonização e com o cultivo de produtos, tais como o trigo, o milho, o feijão e a soja contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico regional.

4 A produção agrícola na Microrregião Sul e Oeste pelos descendentes de açorianos e italianos na atualidade

A produção agrícola na atualidade das redes sociais dos descendentes de açorianos e italianos no Vale do Taquari está voltada para a subsistência e o desenvolvimento regional. O espaço local e regional, segundo Brandão (2007) pode colaborar com as redes com o grande propósito entre os agentes inseridos em uma coletividade. Isto é, o ambiente resulta em um bem comum, pois o espaço de produção destes descendentes contribui para o desenvolvimento regional e econômico.

Frente a isto, as atividades agrícolas dos descendentes de açorianos e italianos foram atualizadas conforme o desenvolvimento econômico. De certa forma, fez com que estes descendentes de imigrantes continuassem no meio rural e com novas transformações na agricultura, principalmente com a introdução de tecnologias para a



produção agrícola, como maquinários para semear, plantar e colher (CARRION, 1979).

Na Microrregião Sul, onde predomina traços das redes sociais da colonização açoriana, a partir do crescimento da soja enquanto produto comercial - o que dificultou o cultivo em pequenas propriedades - muitos agricultores voltaram-se para o cultivo de madeira, alguns primeiro com a acácia e em seguida com o eucalipto, enquanto que outros iniciaram já com este último. Como comenta o produtor rural E1 do município de Tabai:

O mato foi surgido depois né, aí o mato também foi substituído essas outras culturas da mandioca e se plantava soja também a soja foi ficando, pro pequeno agricultor assim ficando ruim né e aí foi substituído pelo mato a acácia né, depois eucalipto e talvez futuramente também vai se acabar já tá indo pra esse lado o eucalipto e a acácia também porque os grandes produtores começaram a plantar aconteceu a mesma coisa com o porco e a soja, os grandes produtores começaram a produzir e aí afeta o pequeno quanto tem grande quantidade uma margem de lucro pequena fica mais fácil com bastante. em cada saco de soja ou um quilo de porco vamos supor aí vai dar bastante como pequeno produtor produz pouca coisa aí não compensa. Por aí vai (E1, 28/01/2016, p. 3).

De acordo com Vital (2007), o eucalipto teve sua gênese no Brasil ainda nas primeiras décadas do século XX, apesar de já ser utilizado no século anterior principalmente como quebra-vento ou para fins ornamentais. A partir dos anos 1930 que a planta passou a ser utilizada em escala comercial, sendo usado como material para construção de casas e ainda como combustível em caldeiras.

Conforme o produtor rural E2 de Taquari, os produtos mais produzidos nas proximidades do Taquari são o eucalipto e o arroz. Este mesmo produtor diz que não produz eucaliptos em sua propriedade, mas que é possível ver nos arredores que há bastante produtores que o fazem (DIÁRIO DE CAMPO 2, 19/02/2016).

Já o produtor rural E3 de Tabai conta que o plantio do eucalipto começou acerca de vinte anos, sendo que o motivo principal seria uma renda extra para a família. Atualmente, a propriedade da família é de cerca de trinta hectares, sendo que a metade dela se destina ao plantio da árvore (DIÁRIO DE CAMPO 3, 05/07/2016).



Destarte, tanto o produtor rural E1 quanto o E3 que produzem a madeira, o destino da mesma é, em sua grande parte, para as caldeiras e também para a produção de móveis em MDF¹²:

O eucalipto a gente colhe e manda... a gente produz aqui na região é cortado em medida ou... madeira de metro pras caldeira né, ou toras ou postes pra energia elétrica, hoje é menos, a maioria é de concreto. Ou então 5,20m de comprimento e 2,20m que vai maciça, ela é triturada que vai pra celulose. Então hoje o comércio da madeira de eucalipto é imensa e a produção também é. E o mercado é bem amplo né (E3, 06/12/2016, p. 6).

A grande maioria das matas de eucaliptos no Brasil são para a produção de papel (VIDAL, 2007). Na região, pode-se perceber que o eucalipto insere-se de maneira um tanto diferente da nacional, já que os fins variam. O Rio Grande do Sul não está entre os maiores cultivadores de eucaliptos do Brasil, mas na microrregião sul é possível ver que a planta está presente na paisagem local, contribuindo para o desenvolvimento econômico da região.

Desta maneira, é possível perceber que eucalipto colabora no desenvolvimento econômico local, já que no município de Tabaí, a produção agropecuária representa boa parte do Produto Interno Bruto (PIB) do município, enquanto que no município de Taquari, há cerca de quatro mil hectares destinados à utilização de terras para a floresta (IBGE, 2006).

Na Microrregião Oeste do Vale do Taquari atualmente a principal produção agrícola da rede social dos descendentes italianos continua sendo o milho. Essa atividade fez parte do cotidiano dos descendentes de italianos, passados de geração em geração e introduzidos em um sistema capitalista de tal forma que contribuiu para intensificar a produção. Ou seja, no passado, a ocupação do território e a produção dos imigrantes italianos estavam voltadas para o consumo das famílias, e no presente, mesmo que em muitos casos a produção tenha modificado, destinam-se ao mercado capitalista.

Frente a isso, a produção do milho na Microrregião Oeste tem uma função econômica voltada para a produção de silagem, principal alimento das vacas. Sobre isto o produtor rural descendente de italiano do município E4 de Progresso relata:

¹² MDF é uma sigla que vem do inglês Medium Density Fiberboard, que significa placa de fibra de média densidade.



J – e esse leite vocês vendem pra onde?
I – pra Cosuel de Encantado.
J – e um pouco de milho vocês plantam pra fazer?
V – pra silagem, plantemo pra nós é bastante, nós colhemos, acho que fizemo 200 saco nós fizemo silagem e acho que 300 saco pra colhe (E4, 10/08/15, p. 9).

Já no município de Travesseiro a produção de milho continua presente como forma de subsistência para sua família, conforme o relato do produtor E5 de Travesseiro:

A1 – que nem eu hoje não trabalho mais na roça, eu só cuido...nem eu só tenho empregado que me faz isso e deu. Espera pra vê o que que vai dá.
G – mas ele planta um feijãozinho, um aipim, um arroz, um milho.
N – pra subsistência né. (E5, 05/02/2016, p. 3).

Também com a introdução tecnológica a facilidade para plantar e colher procedeu-se nos municípios pesquisados e favoreceu as famílias. Isto, encontra-se na fala do produtor rural descendente de italiano E6 do município de Progresso.

A – naquela época era tudo diferente, naquela época ninguém puxava verga pra planta milho, derrubava a capoeira e queimava, não lavrava, plantava o milho assim. Depois tu ia capina era assim que nem capina na estrada. Hoje em dia não tem mais isso, tu puxa uma verguinha assim e faz o plantio quase tudo direto né, bota o secante, ninguém mais usa a enxada. Naquela época era tudo na base da enxada (E6, 03/11/15, p.4).

Desta forma, a produção de milho continuou como parte da subsistência das famílias italianas e seus descendentes e por parte também como produto de renda familiar. Como a Microrregião Oeste possui pequenas propriedades rurais a produção de milho destina-se como alimento principal do gado e coopera para a produção agropecuária.

Por meio dos relatos dos produtores rurais descendentes de imigrantes açorianos e italianos da Microrregião Sul e Oeste, as atividades agrícolas e suas práticas envolvendo técnicas do passado ou reatualizadas por inovações, no que se refere a cultivos de produtos como milho e sicultura, dão-se no mesmo ambiente ocupado por seus antepassados desde o início do século XVIII e XIX.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados da pesquisa constata-se que os açorianos e italianos e seus descendentes desde a migração interna no Rio Grande do Sul mantiveram uma relação com o ambiente desde que chegaram a suas terras. Esta relação ocorreu seja pelos impactos ou na continuidade de algumas práticas culturais nas formas de preparo, plantio e os produtos que foram desenvolvidos.

Destarte, é possível perceber que os imigrantes quanto seus descendentes vinculados as redes sociais colaboraram num crescimento econômico regional. Os primeiros imigrantes açorianos, com as plantações de trigo, ao inserir no território a primeira lavoura especializada, trouxeram para a região uma semente que colaborou, inclusive, no abastecimento das tropas durante os conflitos com os espanhóis. Durante o século XX, é possível perceber que, devido à crise que assolou a região ainda na segunda metade do século XIX, muitas das famílias de agricultores estabeleceram uma agricultura de subsistência, e, no caso dos entrevistados, relacionado ao plantio de soja, que devido a investimentos governamentais, tornou-se insustentável para os pequenos agricultores. Foi então que o eucalipto tornou-se um dos grandes produtos da Microrregião Sul, possuindo um bom respaldo na economia nacional.

Os imigrantes italianos inicialmente implantaram em suas terras um sistema de subsistência com os principais plantios de milho, trigo e feijão. A partir do século XX, a partir dos relatos dos produtores rurais descendentes de italianos da Microrregião Oeste, os cultivos excedentes possuíam um valor maior e conseqüentemente foram vendidos a casas de comércio desencadeando a uma renda familiar. Atualmente continuam produzindo milho e feijão para a subsistência, o qual o milho produzem em maior escala, como componente da alimentação das vacas, destinado a produção leiteira.

Sendo assim, é possível inferir que a agricultura familiar desempenha um papel importante na economia e desenvolvimento dos municípios envolvidos. No Vale do Taquari atualmente os produtos que tomam destaque por intermédio dos relatos dos produtores rurais da Microrregião Sul e Oeste do Vale do Taquari são o eucalipto e o milho, os quais são produzidos pelas famílias descendentes de imigrantes açorianos e italianos contribuindo desta forma para o desenvolvimento socioeconômico regional.



Referências

AGUIAR, Daniel S et al. **Do desenvolvimento ao desenvolvimento territorial sustentável**: os rumos da região do Vale do Taquari no início do século XXI. Análise. Porto Alegre, v. 20, n.1, jan/jun 2009. P. 84-102.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei T. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. **Estudo & Debate**, Lajeado, ano 8, n. 1, p. 49-91, 2001.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: _____. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 25-67.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

BEROLDT, Leonardo et al. Evolução e diferenciação da agricultura no Vale do Taquari: um estudo comparado de dois sistemas agrários. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 11-42.

BRANDÃO, Carlos. **Território e desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

BRASIL. Assembléia Geral. **Lei nº 11.382**, de dezembro de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11382.htm>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CARRION JÚNIOR, Francisco M. A economia do Rio Grande do Sul — evolução recente. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. **RS: economia & política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 403-424, 1979.

CARVALHO, Vera Regina. **Da ilha de açores à freguesia de Taquari**: uma trajetória dos imigrantes açorianos no continente de Rio Grande. Revista Estudo & Debate, v. 9, n. 1, Lajeado, 2002. p. 39-57.

CAVALLIN, Jandira Ighes Zenatti. **Progresso**: uma caminhada no tempo. Progresso/RS: 1. ed. [S.l.], 2000

CHEUNG, Thelma Luccese. Desenvolvimento da agricultura familiar: investigação sobre o espaço rural e o território como referência para estudar o caso do município de Terenos, MG. **Interações**, Campo Grande, v. 14, n.2, jul/dez 2013, p. 189-195.

CHRISTILLINO, Cristiano Luís. **Estranhos em seu próprio chão**: o processo de apropriações de terras na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (O Vale do Taquari no período de 1840-1889). São Leopoldo, 2004.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza; BUBLITZ, Juliana. **Terra de promessa**: uma



introdução à eco-história da colonização do Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul e Passo Fundo: Edunisc e UPF, 2006.

COSTA, Rovílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1986.

CYRNE, Candido da Silva. **Indicadores de gestão em propriedades produtoras de leite do Vale do Taquari/RS**: um estudo comparativo com as propriedades da região da Galícia/Espanha. 220 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – UNIVATES, Lajeado, 2015.

DE BONI; Luis A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, Editora Vozes Ltda, 1982.

DIÁRIO DE CAMPO de 18 de janeiro de 2016. **Visita a descendentes de açorianos. Divisa Paverama/Tabaí**. Lajeado:Univates, 3p.

DIÁRIO DE CAMPO de 19 de fevereiro de 2016. **Visita a descendentes de açorianos. Taquari**. Lajeado: Univates, 3p.

DIÁRIO DE CAMPO de 05 de julho de 2016. **Visita a descendentes de açorianos. Tabaí**. Lajeado: Univates, 2p.

E1 - Entrevistado 1: depoimento [28 jan. 2016]. Entrevistador: Ana Paula Castoldi, Janaíne Trombini, Julia Leite Gregory. Vale do Taquari /RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Ana Paula Castoldi, Janaíne Trombini, Julia Leite Gregory. **Projeto de Pesquisa**----- Lajeado. Univates. 18p.

E2 - Entrevistado 2: depoimento [01 abril 2016]. Entrevistador: Ana Paula Castoldi, Cibele Caroline da Rosa, Janaíne Trombini, Luciana Kraemer. Vale do Taquari /RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Ana Paula Castoldi, Cibele Caroline da Rosa, Janaíne Trombini, Luciana Kraemer. **Projeto de Pesquisa**----- 15p.

E3 - Entrevistado 3: depoimento [06 dez. 2016]. Entrevistador:, Cibele Caroline da Rosa, Janaíne Trombini, Renato Britto Jr. Vale do Taquari /RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Cibele Caroline da Rosa, Janaíne Trombini, Renato Britto Jr. **Projeto de Pesquisa**----- Lajeado. Univates. 20p.

E4 - Entrevistado 4: depoimento [10 ago. 2015]. Entrevistador: Janaíne Trombini. Vale do Taquari /RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Janaíne Trombini. **Projeto de Pesquisa**----- Lajeado. Univates. 42p.

E5 - Entrevistado 5: depoimento [05 fev. 2016]. Entrevistador: Janaíne Trombini, Ana Paula Castoldi e Júlia Leite Gregory. Vale do Taquari /RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Janaíne Trombini, Júlia Leite Gregory e Ana



Paula Castoldi. **Projeto de Pesquisa**-----Lajeado. Univates. 46p.

E6 - Entrevistado 6: depoimento [03 nov. 2015]. Entrevistador: Janaíne Trombini. Vale do Taquari /RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Janaíne Trombini. **Projeto de Pesquisa**-----, Univates. 33p

FERRI, Gino. **História do Rio Taquari-Antas**. Encantado, RS: Grafen, 1996.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: processos de Formação e Evolução de uma Comunidade Ítalo-Brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE. **Governo do Estado do Rio Grande do Sul - RS**. 2013. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/perfilsocioeconomico/coredes/detalhe/corede=Vale+do+Taquari>> Acesso em 05 de abril de 2017.

GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995b.

HERÉDIA, Vânia. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. In: Scripta Nova. **Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**, Barcelona: Universidad de Barcelona, n. 94, 01 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-10.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

IICA, **Desenvolvimento rural e agricultura familiar**. Documento Síntese do Seminário Internacional. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. São Luís, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/>> Acessado em 19/04/17.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Galarce; SCHNEIDER, Fernanda; WOLF, Sidnei; GHENO, Diego Antonio. O cultivo da soja e a supressão da vegetação durante a década de 1970: um estudo sobre minifúndios do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. **Desenvolvimento em Questão**. Ijuí, ano 12, nº 26, abr/jun 2014, p. 320-346.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. Lajeado, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas,



elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva et. al. Imigrantes açorianos e seus descendentes no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul: processo histórico envolvendo movimentações práticas socioculturais. **Revista Signos**, Lajeado, ano 37, n. 2, p. 104-123, 2016.

MOURA, Nara Núbia de. **Percepção de Risco do uso de agrotóxicos**: o caso dos produtores de tomate de São José de Ubá/RJ. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2005.

PESAVENTO, Sandra. RS: **Agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

QUEIROZ, Julia Mello. Desenvolvimento econômico, inovação e meio ambiente: a busca por uma convergência no debate. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, jul./dez. 2011, p. 143-170.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TROMBINI, Janaíne. **Imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari**: história ambiental e práticas culturais. 229 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – UNIVATES, Lajeado, 2016.

VITAL, Marcos H. F. Impacto ambiental de Florestas de Eucalipto. **Revista do BNDS**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, dez 2007, p. 235-276.